

OS CONHECIMENTOS DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO DOS ESTUDANTES COM PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM

Ingrid Facundo Rodrigues Lopes¹
Profa. Dra. Maria José Barbosa²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar o conhecimento dos professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas de Fortaleza-Ceará, sobre o ensino dos estudantes com problemas de aprendizagem. O apoio teórico que possibilitou o alcance deste objetivo foi delineado, principalmente a partir dos estudos de Scoz (2013) que versam sobre o problema escolar e de aprendizagem. Sendo uma pesquisa do tipo qualitativa, para a construção dos dados utilizamos-nos da aplicação de uma entrevista semiestruturada com quatro professoras que tinham, em suas salas, alunos com problemas de aprendizagem. Os resultados mostraram que a falta de acompanhamento dos pais, bem como a heterogeneidade das turmas são vistos como os principais fatores que influenciam negativamente na aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Problemas de aprendizagem, Ciclo de alfabetização, Psicopedagogia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como questão norteadora a temática das dificuldades de aprendizagem, enfatizando os conhecimentos dos professores sobre o ensino dos sujeitos que apresentam alguma dificuldade no desenvolvimento de seus estudos. No entanto, utilizamos-nos do termo “problemas de aprendizagem”, por concordarmos com Scoz (2013) que os problemas de aprendizagem são emergentes de uma pluricausalidade, isto é, não decorrem de uma única causa.

Essa temática está presente há muitos anos nas escolas, mas ainda há grandes desafios no que diz respeito ao ensino dos estudantes com problemas de aprendizagem.

A escolha do tema surgiu a partir da consideração desses aspectos mencionados, uma vez que cada vez mais observamos que as escolas buscam laudos para os alunos para justificar o baixo rendimento apresentado, mas na maioria das vezes o laudo representa uma forma de ignorá-los no processo de ensino, sem considerar possíveis estratégias pedagógicas para a inclusão deles. Além disso, uma das autoras deste artigo participa do Projeto de Extensão: Diálogos Reflexivos sobre Práticas Pedagógicas no Ciclo de Alfabetização com professoras da Rede Pública de Ensino, o que facilitou nossa escolha dos sujeitos de pesquisa.

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, ingridfacundo@hotmail.com;

² Doutora em Educação pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará – UFC, mazebarbosa@ufc.br

A escolha fortaleceu-se ainda pelas discussões sobre dificuldades de aprendizagem ocorridas em sala de aula, na disciplina de Psicopedagogia. E experiências vivenciadas em projetos de iniciação à docência do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC), também nos estágios.

Para a realização da pesquisa, tomamos como amostra representativa quatro escolas públicas de Fortaleza, Ceará. Bem como pelo levantamento de referenciais teóricos. Acreditamos na relevância dessa pesquisa e que se faz necessário uma revisão do acolhimento dado a todos os educandos para que haja inclusão de fato de todas as crianças.

Para discussão do tema em questão, o artigo foi estruturado em quatro etapas, a saber: (i) metodologia; (ii) desenvolvimento; (iii) resultados e discussões e, por fim, (iv) as considerações finais. O estudo foi embasado em fontes como Scoz (2013), dentre outros, buscando estabelecer uma confrontação entre o que os autores nos trazem sobre dificuldades e problemas de aprendizagem e os dados levantados na pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa teve um caráter qualitativo. As participantes foram professoras da rede regular de Ensino Fundamental de Escolas Municipais de Fortaleza, Ceará, que possuíam em sua sala de aula, pelo menos, um aluno com problema de aprendizagem e que frequentava a escola no período da coleta de dados.

Participaram da pesquisa quatro professoras. Os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios para preservação de sua identidade. Para a coleta de dados, a técnica utilizada foi entrevista semiestruturada, uma vez que, na entrevista, as falas tendem a revelar, de forma mais explícita, os dados enfatizados na pesquisa. (BOGDAN; BIKEN, 1994; YIN, 2001).

Foram realizadas quatro entrevistas. Com duas das quatro professoras, as entrevistas foram realizadas através de um formulário eletrônico, por motivos de disponibilidade de tempo e espaço. As outras duas entrevistas foram realizadas presencialmente e utilizamos um gravador de voz. Optamos pela gravação de voz, pois, ela “permite ao pesquisador captar boa parte da entonação do entrevistado, de sua qualidade de voz, de suas hesitações, autocorreções, desvios, etc.” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 172).

DESENVOLVIMENTO

Observamos no dia-a-dia da sala de aula que nem todas as crianças apresentam o mesmo rendimento acadêmico, uma vez que existe uma grande variedade na forma como elas apreendem os conteúdos. Esta variedade preocupa os professores e deixa os educandos abalados por não conseguirem apresentar os mesmos comportamentos que os demais.

As dificuldades de memória, de percepção, de recepção, de integração ou de emissão da informação, segundo Barbosa (2006) são consideradas dificuldade de aprendizagem.

As dificuldades de aprendizagem são sintomas que decorrem de obstáculos que aparecem no mesmo momento histórico em que está ocorrendo a aprendizagem que, por sua vez, resultam de toda a história vivida pelo aprendiz, nas suas dimensões afetivas, cognitivas, sociais, orgânicas e funcionais. (VISCA *apud* BARBOSA, 2006, p. 53).

Com esta visão, entendemos que o sujeito deve ser considerado em seus diversos aspectos já que também fazem parte do processo de aprendizagem dele. Isso significa que deve ser visto em sua totalidade, mas também em sua individualidade, pois cada um é singular e sofre influência do meio em que está inserido.

Além do mais, para um possível diagnóstico psicopedagógico, faz-se necessário levar em conta ainda, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, para então entender suas ações, respostas, erros, acertos, potencialidades etc. Segundo autores como Piaget, Vygotsky, Freud, há características que são comuns nessas etapas. No entanto, a partir da leitura de pesquisas como a de Scoz (2013) percebemos que, todavia, há desconhecimento por parte de muitas professoras quanto a essas características.

Dessa forma, é essencial que os profissionais responsáveis pela educação tenham conhecimento da Psicologia do Desenvolvimento, do funcionamento e da estruturação do organismo, embora segundo Barbosa (2006) esse conhecimento não seja suficiente para transformar a prática educativa e obtenção de sucesso no que se refere à ação de ensinar e aprender. Sendo necessário, portanto, uma contextualização dessas aprendizagens, bem como relações com o conhecimento, de funções sociais, interesse etc., para que entendam melhor os estudantes e possam desenvolver estratégias de ensino que os ajudem com seus problemas de aprendizagem.

A autora supracitada no parágrafo anterior explica que a presença de um obstáculo não caracteriza uma dificuldade patologizante e estar com dificuldade de aprender significa estar diante de um obstáculo que pode ter caráter cultural, afetivo, cognitivo ou funcional por não possuir ferramentas ou não poder utilizá-las no que diz respeito ao prosseguimento da sua aprendizagem. Além disso, precisamos compreender as condições do ambiente onde estão ocorrendo as aulas, os recursos que o professor dispõe e como este desenvolve sua prática.

Perante o exposto, concordamos com Pain (1985 *apud*, BARBOSA, 2006, p. 54) quando afirma que “as dificuldades não são entidades desconectadas do seu meio, ou seja, doenças instaladas nos aprendizes”. Assim, consideramos essencial a mediação do professor para lidar com essas dificuldades. A seguir, trataremos da formação docente no contexto dos problemas de aprendizagem no ciclo de alfabetização.

No atual contexto social, faz-se mister pensar numa sala de aula heterogênea, com alunos em diferentes estágios de aprendizagem e com ou sem problemas de aprendizagem. Dessa maneira, desafios diversos se apresentam no que tange oferecer uma educação de qualidade para todos esses alunos (OLIVEIRA *et al*, 2012). Entretanto, estes autores mostram ainda que os problemas de aprendizagem observadas no sistema educacional brasileiro serão superadas quando os problemas que permeiam os processos de ensino também forem considerados (OLIVEIRA *et al*, 2012).

Os professores, por sua vez, estão intimamente relacionados ao processo de inclusão geral dos educandos. De acordo Bassedas (1996 *apud* ARAÚJO, 2011), é papel do docente estimular o desenvolvimento da aprendizagem de todos os seus alunos, levando em consideração os conteúdos, valores e hábitos. Espera-se do professor na situação de ensino-aprendizagem uma atuação constante, intervindo e mediando em todo o grupo e para cada um dos alunos de modo particular. Araújo (2011) mostra que cabe ao professor identificar o grau de dificuldade em que se encontra a criança e a partir disso, tomar providências, visto que quanto mais cedo acionar a dificuldade mais rápido terá resultados.

A alfabetização tem sido um dos maiores desafios na vida escolar das crianças, já que no sistema educacional, preocupam-se mais com o número de aprovações do que com a real situação do aprendiz. Práticas aligeiradas e mecânicas de ensino, com treinamentos para provas externas de avaliação para aferir os níveis de alfabetização e letramento não têm contribuído para o aprendizado das crianças de maneira contextualizada e significativa. Diante

dessa realidade, as crianças estão passando de ano escolar sem aprender o básico: a ler e a escrever.

A seguir, apresentaremos os resultados e discussão dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das escolas pesquisadas, as quatro professoras³ entrevistadas além de participarem do Projeto de Extensão: Diálogos reflexivos sobre práticas pedagógicas no ciclo de alfabetização da Universidade Federal do Ceará (UFC), têm pós-graduação lato sensu (algumas em alfabetização, educação infantil, psicopedagogia), e são alfabetizadoras da escola pública. Margarida exerce a profissão docente há 5 anos, Jasmim há 11 anos, Orquídea há 1 ano e Rosa há 20 anos.

Após realizarmos uma avaliação da literatura e do material coletado, percebemos que as principais dificuldades enfrentadas por essas professoras referentes ao ensino de crianças com problemas de aprendizagem são decorrentes da heterogeneidade da turma e da falta de assistência da família. Diante disso, a partir das respostas, levantamos três categorias de análise: a) os problemas de aprendizagem identificados; b) as potencialidades dos alunos com problema de aprendizagem e c) a falta de acompanhamento familiar.

Quanto aos Problemas de aprendizagem identificados

Ao questionarmos sobre que problemas de aprendizagem identificam em sua sala de aula e pedimos que citassem todo e qualquer um desde as estruturas até às dificuldades dos alunos, as professoras comentaram que:

Professora Rosa: “O mais gritante, é a heterogeneidade da turma, no que concerne a: níveis de aprendizagem bem diversos, de pré silábico ao alfabético. Além das crianças com necessidades educativas especiais. No meu planejamento tento adequar as atividades.”

Professora Jasmim: “Quanto a estrutura apenas o tamanho da sala não permite muita movimentação. Dificuldade na leitura e escrita principalmente”

³ Por uma questão ética, a fim de garantir o sigilo e anonimato em relação à identidade dos sujeitos pesquisados, optamos pela utilização de nomes fictícios, escolhidos arbitrariamente a partir de nomes de flores, a saber: Rosa, Jasmim, Margarida e Orquídea.

Professora Margarida: “Antigamente era estrutural, mas hoje em dia, a escola pública, assim, tem evoluído bastante quanto a material e tudo. Nesse lado a gente não pode mais reclamar, pelo menos no meu caso, né?! Não tenho o que dizer. [...] Alguns acredito que tenha alguma deficiência. Que assim, é lógico que eu como professora não posso intervir porque não estou ali pra isso. Só detecto e falo pros pais. No aprendizado, o não reconhecimento das letras porque veio de uma educação infantil que levou só pro lado do brincar, né?! A gente “tava” até comentando nesse instante aqui que não fazem essa transição do infantil V pro 1º ano e querem continuar no mesmo ritmo. Tem que haver no infantil V essa passagem deles terem esse momento de rotina, saber sentar, parar. Eles não, eles querem brincar. No começo é bem difícil.”

Professora Orquídea: “Numa turma de 20 alunos é muito complicado você fazer um atendimento individualizado. O ideal seria você pegar aquele aluno para trabalhar em cima das dificuldades que ele tem, porque as dificuldades são diferentes na turma, né? O ideal seria sentar com ele, vê o que ele já consegue fazer, ver os avanços que ele vai obter com as atividades direcionadas... só que é muito complicado porque a gente precisa atender o todo e numa turma de 1º ano eles dependem muito da professora. A gente não pode deixar a turma sozinha fazendo uma atividade porque eles não fazem. As intervenções são feitas quase que de modo coletivo, passando de cadeira em cadeira. Por exemplo, trabalhei semana passada o texto ‘O cravo e a rosa’ e no final da atividade tinha uma questão pra eles escreverem uma cantiga de roda que eles gostam. Aquele aluno que já está alfabético vai escrever só, ele já consegue. Mas aquele aluno pré-silábico vai dizer ‘Eu não sei’. Então a gente vai lá e tenta fazer com que ele avance no nível dele de escrita, colocando os sons das sílabas, o som das letras, das palavras. ‘Vamos lá, canta comigo, sílaba tal. ‘Em Atirei o pau no gato, qual a primeira letra de atirei?’ pra ver se ele consegue identificar. O planejamento é um só, na hora da atividade é que a intervenção vai ser diferenciada dependendo do nível que cada criança esteja.”

Percebemos, a partir das falas, que tanto para a professora Rosa bem como para a professora Orquídea, um dos problemas apontados que influenciam na aprendizagem das crianças, trata-se da heterogeneidade da turma no que diz respeito aos níveis de hipótese de escrita em que se encontram, sendo uma variação do pré-silábico ao alfabético. Além disso, ao questionarmos sobre uma possível dificuldade no planejamento para incluir todas as crianças, as professoras responderam que adequam suas atividades considerando o nível de cada criança.

Com isso, percebemos que a heterogeneidade da turma é um problema para o planejamento das professoras, não para as crianças, uma vez que, conforme Kramer e André (1984), um procedimento para atender aos diferentes grupos de crianças seria aproximar as crianças com maiores dificuldades posicionando-as em carteiras das primeiras filas na sala de aula. Além disso, Kramer e André (1984), chama a atenção para o fato de que é essencial que as professoras consigam dar aula para a turma toda e, ao mesmo tempo, atender individualmente das crianças. No caso da professora Orquídea, percebemos que isso acontece, tendo em vista que a mesma relata fazer atividades direcionadas para auxiliar as crianças com dificuldades.

Além disso, destacamos parte da fala da professora Margarida que aponta a quantidade de crianças na sala como dificuldade para dar atenção as crianças com deficiência. Sobre este fato, Gonçalves e Trindade (2010, p. 2063) afirmam que “os professores devem ser

sensíveis e abertos às características de cada aluno, de modo a proporcionar-lhes respostas diversificadas, para que todos consigam ter uma igualdade de oportunidades.” Usar a deficiência da criança como desculpa para sua não participação nas atividades é preocupante.

Outro aspecto que nos chamou atenção na fala de Margarida foi seu olhar sobre a diferença de metodologia de trabalho para a educação infantil e para o 1º ano do ensino fundamental. Segundo a professora, não há um período de transição em que haja ações de adaptação para as crianças. E também, há o indicativo de desmotivação das crianças que não sabem escrever para realizarem a escrita espontânea. Sendo necessário, por tanto, em ambas situações, intervenções da gestão e das professoras para transformarem essa realidade.

A professora Jasmim, além de relatar sobre a estrutura da sala não ser favorável para movimentação, comentou que em sua turma há dificuldades principalmente de leitura e de escrita. Vemos na fala dessa professora, uma problemática latente no sistema educacional brasileiro: a falta de estrutura adequada para o favorecimento dos processos de ensino e aprendizagem. Com efeito, o sucateamento da educação fortifica os processos de exclusão, não permitindo aos estudantes com problemas de aprendizagem uma inclusão efetiva e satisfatória, além de inibir a prática docente.

Entendemos ser um grande desafio trabalhar com uma turma heterogênea, mas é importante que o professor tente compreender como deve atuar com seu público e provocar desequilíbrios adequados com todas as crianças para que possam aprender. Caso contrário, haverá exclusão, fracasso escolar e conseqüentemente evasão desses sujeitos. Não estamos aqui culpabilizando o professor por essa situação, por entendermos que há outros aspectos a serem levados em conta como a formação inicial e/ou continuada, mas chamando a atenção para a parte que cabe a ele no cenário educacional.

As potencialidades das crianças com problemas de aprendizagem

Diferentemente da professora Rosa que não apontou nenhuma potencialidade dos seus alunos, apenas as limitações que implicam em sua aprendizagem, e da professora Orquídea que apenas comenta “toda criança tem potencialidade”, as professoras Jasmim e Margarida comentaram que suas crianças:

Professora Jasmim: “Apresentam habilidades em outras áreas como a matemática, arte.”

Professora Margarida: “As potencialidades que eu vejo naqueles que tem só mais a falta de acompanhamento dos pais são crianças que se sobressaem, fazem uma atividade só, que querem alguma coisa... que mesmo sendo pequenininho você diz assim ‘ah eles são pequenos não sabem o que é o querer’, mas tem muitos que sabem sim o que é o querer. Querem mesmo aprender, já têm desejo de ler.”

A partir disso, percebemos haver um olhar sensível por parte das professoras que identificam não somente as limitações de seus alunos, mas também as potencialidades dos mesmos, atentando para as especificidades e para as múltiplas inteligências. Vale ressaltar que a professora Margarida enxerga, mesmo que timidamente, a autonomia da criança em buscar o aprendizado mesmo sem o auxílio de seus pais.

A falta de acompanhamento familiar

Percebemos, na fala de três das quatro professoras entrevistadas, a falta de assistência da família como um empecilho para a aprendizagem das crianças.

Professora Rosa: “Vejo como maior problema a falta de assistência da família, não na sua maioria por desinteresse, mas principalmente porque não sabem ler. Além do contexto social: mundo do crime, das drogas, etc.”

Professora Margarida: “O que a gente identifica muito é uma falta de acompanhamento dos pais. Isso aí é um dos pontos principais, porque a gente sabe que a estrutura familiar é totalmente... muitos deles nem tem essa estrutura e isso influencia muito no psicológico da criança e acredito que atrapalhe na hora da aprendizagem. Alguns se sobressaem porque como tudo na vida nada é fechado, sempre tem algo a se aprender. Alguém se supera, mas nem todos. Alguns lá eu identifico que têm algo a mais, não é só assim por não ser acompanhados, né?! Que é coisa, sei lá, por a gente ter feito psicopedagogia a gente já vai aquele olhar mais aprofundado, mais investigativo na criança.”

Professora Orquídea: “Principalmente na escola pública encontramos problemas sociais que estão diretamente ligados à aprendizagem dos alunos. Há muitos pais envolvidos com droga, sem dar apoio à criança e isso vai refletindo na aprendizagem. Aquela criança que teve uma gestação não saudável ela vai trazer diversos reflexos...vai ter dificuldade de aprendizagem, algum tipo de déficit de atenção, sem contar nas especificidades: uma criança especial, sem laudo, que às vezes não conseguem diagnóstico. A falta de interesse da família no processo de aprendizagem. As famílias estão muito preocupadas em colocar os meninos na escola, mas poucos se preocupam se aquela criança vai aprender ou não.”

Na fala da segunda professora, vemos que ela identifica o problema, mas apresenta uma justificativa para tal acontecimento. O fato de as crianças não receberem o devido acompanhamento dos pais se mostra como a superfície de uma causa mais profunda. Em sua maioria, os estudantes de escolas públicas são filhos de pais trabalhadores que, exaustos por causa da rotina extenuante de trabalho, não podem dar a atenção necessária para seus filhos. Entretanto, a participação e o conhecimento dos pais acerca dessa problemática é fundamental para o processo diagnóstico, pois, como afirma Scoz (2013, p. 139):

Quando a criança apresenta problemas para aprender, a forma que a família reage pode agravar ou ajudar sua recuperação. Além disso, o contato com as famílias pode trazer informações sobre os fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança. Também torna possível orientar os pais para que compreendam uma enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos. A falta de contato com a família torna-se ainda mais grave quando há necessidade de encaminhar os alunos para profissionais especializados fora da escola, pois as crianças dependem dos pais, muitas vezes ausentes, ou resistentes ao atendimento extraescolar.

Dessa forma, é fundamental a participação da escola na conscientização dos pais acerca dos problemas de aprendizagem. Faz-se necessário, portanto, que a escola crie ambientes de participação mútua em que os familiares se sintam participantes do processo educacional dos filhos, sobretudo no que diz respeito a aceitação e ao processo psicopedagógico.

Com relação ao contexto social das famílias, como apontou a professora Rosa, é imprescindível nos atentarmos para esta realidade latente em que as famílias da classe trabalhadora se encontram. À luz dos estudos sociológicos, entendemos que o meio é um agente importante para a educação. As crianças em vulnerabilidade social sofrem as mazelas propiciadas por esse contexto. Por isso, a escola deve intensificar a mediação, agindo como uma base sólida no percurso de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do nosso objetivo geral, em que nos dispomos a identificar os conhecimentos dos professores sobre o ensino dos estudantes com problemas de aprendizagem no ciclo de alfabetização, podemos perceber que esse campo ainda se configura em desconhecimento e espanto por parte dos docentes.

Isso é um reflexo da falta da inserção deste tema na formação inicial e continuada dos professores, culminado em práticas alicerçadas no senso comum ou em concepções tradicionais que negam a autonomia do estudante e inibe o seu processo de aprendizagem. Outro ponto observado pela professora é a heterogeneidade das turmas e a falta de apoio das famílias. Elas mesmas demonstram entender o problema, mas sozinhas não conseguem identificar soluções. Diante disso, identificamos uma carência de apoio da gestão para integração família e escola, e das instituições formadoras que possam refletir o tema fomentando pesquisas e estudos que promovam a incrementação de práticas inclusivas.

Em consonância aos autores estudados em nossa pesquisa, concluímos que, todavia, se faz necessário uma maior articulação entre os profissionais da educação. Ainda sobre esse aspecto, vemos a necessidade da relação entre a escola e seus atores e o psicopedagogo para efetuar uma aliança de ação pedagógica que vise o desempenho satisfatório das crianças com problemas de aprendizagem.

A gestão escolar também deve contribuir buscando junto a outras secretarias apoio para as crianças que tenham dificuldades relevantes. Considerando que nas classes populares, os pais têm dificuldade de acesso aos serviços de acompanhamento psicológico ou psicopedagógico.

Por fim, temos que compreender que dificuldades ou problemas de aprendizagem devem ter suas causas discutidas em todos os espaços da escola, antes de serem apontados como transtornos. A fim de não atribuímos apenas aos educandos a responsabilidade por sua aprendizagem. Portanto, faz-se necessário o esclarecimento dos professores e da gestão sobre o tema com a finalidade de melhorarmos a satisfação do professor com o trabalho executado e da criança com o sucesso de seus esforços.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia**: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação. 2 ed. rev. e ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

GONÇALVES, Eduardo Jorge de Almeida; TRINDADE, Rui. Práticas de ensino diferenciado na sala de aula: “se diferencio a pedagogia e o currículo estou a promover o sucesso escolar de alunos com dificuldades de aprendizagem”. **Currículo, Aprendizagens e Trabalho Docente**; Porto, v. 17, n. 3, p. 2062-2085.

Kramer, S. & André, M.E.D.A. (1984). Alfabetização: um estudo sobre professores das camadas populares. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre. Artmed, 2008.

OLIVEIRA, Jaíma Pinheiro de *et al.* Concepções de professores sobre a temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.18, n.1, p. 93-112, Jan.-Mar., 2012.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.